

Meredith Wild

**Atracção Magnética**

*Hacker 1*

Tradução  
Maria das Mercês de Sousa

 Planeta

Para a minha mãe, que me suplicou que escrevesse



## Capítulo 1

– Que dia mais lindo – disse para mim mesma.

O Inverno dava o lugar à Primavera. O *campus* da universidade de Boston, cheio de estudantes, turistas e habitantes da cidade, acordava para a vida.

Muitos ainda usavam os trajes de formatura da cerimónia que eu ainda não interiorizara por completo. Parecia-me tudo surreal, desde as despedidas amargas à antecipação do mundo real. Sentia-me percorrida por uma confusão de emoções, desde o orgulho à ansiedade, passando pelo alívio, mas acima de tudo sentia-me feliz pelo momento, por ter Marie ao meu lado.

– Ninguém merece mais do que tu, Erica.

Marie Martelly, a melhor amiga da minha mãe e a minha salvavidas pessoal, apertou-me a mão e meteu o braço no meu.

Alta e elegante, mais alta do que eu, Marie tinha uma pele suave cor de cacau e cabelos castanhos divididos em dúzias de pequenas tranças, um estilo que lhe dava um aspecto juvenil eterno e um estilo ecléctico. Ninguém diria que ela era a minha única mãe há quase uma década.

Disse sempre a mim mesma, ao longo dos anos, que não ter pais era, por vezes, melhor do que ter aqueles de que ouvia falar ou que

conhecia por conhecer. Os pais das minhas colegas eram capazes de uma arrogância incrível. Fisicamente presentes mas emocionalmente ausentes ou com idade para serem meus avós, o fosso geracional entre eles e as filhas era colossal.

Marie era diferente, apoiava-me sempre, ouvia os meus dramas e os meus lamentos sobre o trabalho e os exames finais, mas nunca me pressionava porque tinha consciência da pressão que eu exercia sobre mim.

Percorríamos ambas os minúsculos carreiros que serpenteavam pelo *campus* de Harvard. Uma brisa suave soprava através das árvores cujas folhas restolhavam por cima de nós.

– Obrigada por teres vindo – disse.

– Não sejas ridícula! Não perdia este dia por nada deste mundo – retorquiu com um sorriso, piscando-me o olho. – Além disso gosto sempre de uma pequena viagem ao passado. Sinto-me nova outra vez!

Ri-me com o entusiasmo. Só uma pessoa como Marie era capaz de visitar a escola onde andara e sentir-se mais nova, como se o tempo não tivesse passado.

– Tu ainda és nova, Marie.

– Suponho que sim. Mas a vida passa tão depressa! Um dia, não falta muito, hás-de perceber – disse com um suspiro. – Pronta para comemorar?

– Absolutamente – respondi, anuindo. – Vamos embora.

Sáímos do *campus*, chamámos um táxi, atravessámos o rio e uns minutos mais tarde empurrávamos as pesadas portas de madeira de uma das melhores churrasqueiras da cidade. Contrastando com as ruas solarengas o restaurante, escuro e fresco, tinha uma atmosfera refinada que se sobrepunha ao murmúrio suave dos clientes.

Sentámo-nos, consultámos as ementas e pedimos bebidas e o jantar. O empregado trouxe-nos dois uísques com gelo com dezasseis anos, um hábito adquirido ao longo de vários jantares com Marie.

Após semanas à base de café e comida rápida, nada melhor do que um uísque e um bom bife.

Passsei os dedos pela superfície gelada do copo, perguntando-me como teria sido o meu dia se a minha mãe ainda fosse viva. Se calhar estava em casa, em Chicago, a viver uma vida diferente.

– Que se passa, querida? – perguntou-me Marie, acordando-me do devaneio.

– Nada – respondi. – Oxalá a mãe estivesse aqui.

Marie estendeu o braço por cima da mesa e pegou-me na mão.

– Sabemos ambas que a Patricia estaria muito orgulhosa de ti.

Ninguém conhecia melhor a minha mãe do que Marie. Apesar de se terem separado depois da escola, tinham sido sempre muito chegadas. Sempre. Até ao abrupto fim amargo.

Evitei-lhe o olhar para não sucumbir às emoções que se queriam apoderar de mim. Não choraria naquele dia. Acontecesse o que acontecesse, aquele era um dia feliz, um dia que nunca esqueceria.

Marie largou-me a mão e ergueu o copo com os olhos a brilhar.

– Que tal um brinde ao novo capítulo?

Ergui o copo e sorri apesar da tristeza, permitindo que o alívio e a gratidão se sobrepusessem ao vazio que sentia no coração.

– Saúde – disse, tocando no copo de Marie e bebendo um gole saudável, saboreando o calor do uísque a descer-me pela garganta abaixo.

– E agora, Erica, o que se segue?

Deixei recuar os meus pensamentos.

– Bem, esta semana vai ser o grande passo. Depois... bem, depois preciso de descobrir um sítio para viver.

– Podes ficar comigo durante algum tempo.

– Eu sei, mas preciso de descobrir o meu caminho. Aliás, estou morta por isso.

– Algumas ideias?

– Não. Para já preciso de uma pausa.

Harvard tinha sido uma maravilha, mas estava farta de Cambridge, tinha de começar a conhecer outras pessoas. Passara o ano anterior a estudar que nem uma louca, a defender uma tese, a iniciar um negócio novo; estava morta pelo capítulo seguinte da minha vida, longe do *campus*.

– Longe de mim ver-te daqui para fora, mas tens a certeza de que queres ficar em Boston?

– Tenho – respondi, acenando com a cabeça. – O negócio pode levar-me a Nova Iorque ou à Califórnia, mas por agora sou feliz aqui.

Por vezes Boston era uma cidade difícil. Os invernos eram um inferno e as pessoas eram fortes, apaixonadas e muitas vezes dolorosamente directas, mas com o tempo tornara-me uma delas. Não me imaginava a viver noutra cidade qualquer. Não tendo um lar para onde pudesse voltar, sentia-me em casa.

– Já pensaste em voltar para Chicago?

– Não – respondi, mastigando a salada em silêncio por um momento, tentando não pensar em todas as pessoas que poderiam ter estado comigo naquele dia. – Não há regresso possível. Elliot casou-se outra vez, tem filhos, e a família da mãe sempre foi... tu sabes... distante.

Desde o regresso da faculdade, vinte e um anos antes, que a minha mãe, grávida e solteira, começara a dar-se mal com os pais. No meu caso, as poucas recordações que tinha dos meus avós tinham a ver com o meu nascimento e com a maneira como entrei nas suas vidas. A minha mãe nunca falava do meu pai e eu respeitava-lhe o silêncio. Pelo menos era o que dizia a mim mesma quando a curiosidade começava a apoderar-se de mim.

A tristeza nos olhos de Marie reflectiu-se nos meus.

– O Elliott nunca te fala?

– Só nos feriados; está sempre cheio de trabalho por causa dos miúdos.

Elliott era o pai que eu nunca tivera; vivera muitos anos felizes com ele, mas um ano depois de a minha mãe morrer, preocupado com a perspectiva de ter de criar sozinho uma adolescente, mandara-me para um colégio interno.

– Tens saudades dele – acrescentou Marie em voz baixa, como se me estivesse a ler os pensamentos.

– Às vezes. Não tivemos hipótese de ser uma família sem ela – admiti, recordando a sensação de perda sentida por ambos no dia em que a minha mãe morrera. Naquele momento não passava tudo de uma recordação cada vez mais esbatida.

– A intenção dele foi boa, Erica.

– Eu sei. Hoje somos ambos felizes, que é o que importa. – Com uma licenciatura e um negócio em perspectiva, não lamentava a escolha de Elliot. No fundo, se não fosse a decisão dele, não estaria onde estava naquele dia, mas de facto tínhamo-nos afastado muito ao longo dos anos.

– Chega. Falemos da tua vida amorosa – disse Marie, lançando-me um sorriso quente e um olhar doce.

Desatei a rir, consciente de que ela ia querer cada pormenor de tudo o que eu tivesse para divulgar.

– Infelizmente não tenho nada para te dizer. E se falássemos antes da tua? – Eu sabia que ela ia acabar por morder o anzol.

Os olhos iluminaram-se-lhe e despejou tudo sobre o seu último amor. Richard era um jornalista com menos dez anos que ela, o que para mim não era nenhuma surpresa. Não só Marie estava em grande forma para a idade, como era muitíssimo jovem de espírito. Muitas vezes tinha de recordar-me que ela era da idade da minha mãe.

Enquanto Marie falava, eu gozava um curto caso amoroso com o meu prato. Preparada na perfeição e regada com um vinho tinto delicioso, a costeleta quase se me desfazia na boca, proporcionando-me um prazer parecido com o sexo que eu não tinha havia muitos



meses. Os morangos cobertos de chocolate com que terminou o nosso jantar foram a cereja no topo do bolo.

A faculdade proporcionara-me vários namoricos, mas, ao contrário de Marie, eu não andava sempre à procura do amor e naquele momento, com um negócio montado, não tinha tempo para viver, quanto mais para pensar em sexo. Limitei-me a ouvi-la, feliz por ela ter um homem novo a apimentar-lhe a vida.

Terminado o jantar, Marie disse que ia à casa de banho e eu dirigi-me para a porta, sentindo-me feliz e um pouco tonta. Virei-me quando o recepcionista me agradeceu e fui de encontro a um homem que, para eu não cair, me agarrou pela cintura.

– Desculpe, eu... – gaguejei, emudecendo quando olhei para ele, hipnotizada por uns olhos castanho-esverdeados. Deslumbrante. O homem era simplesmente deslumbrante.

– Sente-se bem? – perguntou. O tom de voz fez-me vibrar e deixou-me sem forças nas pernas. O seu braço apertou-me mais a cintura, aproximando ainda mais os nossos corpos, impedindo-me de me recompor. O meu coração desatou aos pulos. O homem, possessivo e confiante, continuou a apertar-me, como se tivesse todo o direito de o fazer e eu, pulsante de desejo, quis protestar, mas não consegui. O tipo não devia ser muito mais velho do que eu. Com um casaco preto sobre uma camisa branca com dois botões abertos, todo ele, exceptuando os cabelos castanhos rebeldes, cheirava a dinheiro.

*Não joga no teu campeonato, Erica*, disse-me uma voz, lembrando-me que era a minha vez de dizer qualquer coisa.

– Sinto, obrigada. Peço desculpa.

– Não peça – murmurou, sedutor, com um ligeiro sorriso cheio de promessas, impossíveis de ignorar com o meu rosto tão perto do dele. O homem passou a língua pelo lábio de cima e eu abri a boca, deixando sair ao mesmo tempo um suspiro silencioso. Santo Deus, o homem irradiava sexo por todos os poros.

– A sua companhia chegou, senhor Landon.

Enquanto o empregado esperava que ele respondesse, endireitei-me, aproveitando para lhe pôr as mãos no peito. O homem largou-me devagar, deixando-me a cintura e as ancas em fogo, e anuiu para o empregado sem tirar os olhos de mim, paralisando-me. Eu só queria a mão dele outra vez na minha cintura. Se só com um mero toque ele me fazia aquilo, o que não seria numa cama. Interroguei-me se não haveria por ali um bengaleiro; arrumávamos já o assunto.

– Por aqui, senhor.

O homem seguiu o empregado, deixando-me a vibrar da cabeça aos pés. Marie juntou-se a mim enquanto eu o observava.

Devia sentir-me embaraçada, mas na verdade estava desavergonhadamente satisfeita por não me conseguir equilibrar nos saltos de doze centímetros de altura dos meus sapatos. Como não tinha vida amorosa, o meu homem-mistério alimentar-me-ia as fantasias futuras.



Subi os degraus de granito da biblioteca e percorri os corredores até chegar ao gabinete do professor Quinlan, que olhava para o monitor do computador quando eu bati à porta.

– Erica! – exclamou, fazendo girar a cadeira. – A minha aluna preferida! – O sotaque irlandês tornara-se-lhe menos pronunciado após tantos anos na América, mas eu achava-o adorável. – Que tal a liberdade?

Deixei sair uma risadinha, contente com o seu entusiasmo. Quinlan era um homem atraente na casa dos cinquenta, com cabelos grisalhos e olhos azul-claros.

– Se quer que lhe diga, ainda não me habituei a ela. E o senhor? Quando começa o seu ano sabático?

– Vou para Dublin dentro de algumas semanas. Se tiveres tempo, vê se me fazes uma visita.

– Gostaria muito – retorqui. Como seria aquele ano para mim? Oxalá o meu negócio não me desse muitas dores de cabeça. Na verdade não sabia ao certo o que esperar. – Vai ser estranho deixar de o ver, professor.

– Já não sou teu professor, Erica. Trata-me por Brendan, por favor. Agora sou apenas teu amigo e mentor e espero ver-te muitas vezes fora destas paredes.

Senti um nó na garganta. Aquela semana estava a ser demasiado sentimental. Quinlan guiara-me ao longo daqueles anos e ajudara-me a iniciar o meu negócio.

– Quero que saiba que lhe estou muito grata.

– Ajudar pessoas como tu, Erica, faz-me levantar da cama todos os dias e afasta-me do bar – retorqui com um sorriso retorcido, revelando uma covinha solitária.

– E o Max?

– Infelizmente o gosto de Max pela bebida e pelas mulheres prejudicou-lhe os negócios. Mas parece que a coisa está melhor. Não tenho a certeza, mas acho que ajudei um pouco. Nem todos podem ser como tu, querida.

– Tenho tanto medo que as coisas não me corram bem a longo prazo – admiti, esperando que ele tivesse a perspicácia que me faltava.

– Não tenho dúvidas de que vais ter êxito, de uma maneira ou de outra. Se não for nisto, pelo menos noutra coisa qualquer. Nós nunca sabemos o que a vida nos reserva, mas tu estás a fazer sacrifícios e a trabalhar no duro para que os teus sonhos se realizem. Enquanto te mantiveres fiel a esses sonhos, estás a ir na direcção certa. Pelo menos é o que eu digo a mim mesmo.

– Obrigada – retorqui com os nervos tensos, pensando na entrevista do dia seguinte, momento da verdade para o meu negócio e para mim. Precisava de todos os encorajamentos e mais alguns.

– Dir-te-ei quando tiver a certeza absoluta – prometeu ele.

Não sabia se havia de me sentir inspirada ou desencorajada, consciente de que, por vezes, Quinlan se sentia tão à deriva como eu naquele momento. – Entretanto vejamos o que tens para o nosso amigo Max para amanhã – acrescentou ele, apontando para o *dossier* que eu tinha no colo e arranjando espaço na secretária.

Dispus o plano de negócios e as minhas notas e começámos a trabalhar.